

Sobre a noção de “homens de exceção” na filosofia de Nietzsche: elementos para novas possibilidades do cultivo de si

Dr. Idenilson Meireles¹

O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na sequência dos seres (- o homem é um fim -); mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se *querer*, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro.

(*O Anticristo* § 3)

Para Maria Madalena, minha eterna gratidão!

Resumo

Em *O Anticristo* Nietzsche contrapõe ao homem fraco da moral cristã, ao homem moderno, a promessa de um tipo mais elevado. Nesse sentido, não é sem fundamento defender a ideia de que um dos alcances mais significativos da filosofia de Nietzsche, na medida em que destaca determinadas “virtudes” a partir das quais se pode pretender uma autoelevação do homem, está justamente no plano do cultivo (*Züchtung*). A contínua autoelevação do homem por meio do cultivo de virtudes nobres sinaliza a possibilidade de surgimento de um tipo de exceção, ao qual Nietzsche destinou várias passagens em sua obra. Nosso objetivo é destacar os vários registros dos usos feitos por Nietzsche do conceito de *Ausnahme-Menschen*, ou seja, homens ou indivíduos de exceção, para ver em que medida essa noção se situa como a expectativa mais propositiva de sua filosofia em relação ao futuro do homem e sua aposta mais arriscada em novas possibilidades do cultivo de si.

Palavras-chave: Cultura, Cultivo de si, Homens de exceção, Nietzsche.

Abstract

In *The Antichrist*, Nietzsche compares the weak man of Christian morals to the modern man, who announces the promise of a higher type. In this sense, it is not unreasonable to defend the idea that one of the most meaningful accomplishments of Nietzsche's philosophy is found precisely in regard to the theme of cultivation (*Züchtung*), as he highlights specific “virtues” based on which one may intend to bring through man's self-elevation. Man's ongoing self-elevation by means of the cultivation of noble virtues signals to the possibility of emergence of an exception type, to which Nietzsche destined numerous passages of his oeuvre. Our aim is to locate the different uses that Nietzsche ascribes to the concept of *Ausnahme-Menschen*, that is, exception individuals, so as to check the extent to which such concept may be read as a central prescription of his philosophy when it comes to the future of man and as his most dangerous bet on new possibilities of self-cultivation.

Keywords: Culture, self-cultivation, exception men, Nietzsche

¹Doutor em filosofia pela UFSCar; Professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. E-mail: meirelesidenilson@gmail.com

Tanto o *Nascimento da tragédia*, publicado em 1872, quanto as *Considerações Extemporâneas*, escritas entre 1873/76, tomam a elevação da cultura como fio condutor do empreendimento crítico de Nietzsche. Se na primeira obra publicada pelo filósofo o vetor crítico decisivo é a arte trágica como expressão de uma cultura superior, sustentado na defesa apaixonada da música de Richard Wagner como possibilidade de uma arte suprema; nas *Considerações Extemporâneas* Nietzsche fornece um diagnóstico preciso da modernidade cultural da Alemanha tomando por base a completa dispersão dos objetivos da cultura, a ausência de um estilo próprio ao “espírito alemão”² e a supervalorização da instrução (*Gelehrtheit*) no encaminhamento dos processos formativos dos indivíduos em detrimento de uma formação mais robusta para fins mais nobres e elevados da cultura.

As *Extemporâneas* colocam em relevo os temas capitais debatidos nos círculos intelectuais desde o início do século XIX, debate que girava em torno da unidade nacional e dos instrumentos capazes de levar a cultura a um patamar privilegiado de ‘unidade’³ do povo alemão. O custo desse esforço por unificação não poderia ser outra coisa senão aquilo que Nietzsche destacou em uma de suas preleções na Basileia, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, que é “a tendência à extensão, à ampliação máxima da cultura” (NIETZSCHE, 2012, p.72). Para tanto, a reforma política da educação iniciada por Humboldt⁴ tratou de superar a fragmentação da cultura a partir de uma nova dimensão, a *Bildung*, que sinalizava um destino mais promissor da educação alemã, mas que parece ter fracassado em virtude da burocratização e institucionalização a que foram

² Para além das *Extemporâneas*, ainda em *A Gaia Ciência*, no V capítulo escrito e acrescentado à obra em 1886, Nietzsche mantém suas suspeitas acerca dessa celebração e defesa do “espírito alemão”. O título do aforismo que trata do tema, “Acerca do velho problema: O que é alemão?”, o toma justamente como um “velho problema”, portanto algo já repisado por Nietzsche em textos anteriores. Também em *Crepúsculo dos Ídolos*, na seção “O que falta aos alemães”, Nietzsche mantém e aprofunda sua posição acerca desse velho problema reeditado cada vez mais pelo “Estado Cultural” na promoção de uma cultura da *décadence*. O Espírito Alemão, na compreensão de Nietzsche, não passa de uma “desespiritualização”, um enfraquecimento das condições vitais da cultura.

³ Em Nietzsche, essa ‘unidade’ se traduz desde *O nascimento da tragédia* como inspiração extraída dos gregos. A ideia contornar o problema da dispersão dos elementos da cultura, a fixação do Estado para fins de utilidade imediata, reorganizando os impulsos. Segundo Nietzsche, em *O estado grego*, “No que concerne à altura solar da sua arte, temos que definir os gregos a priori como ‘os homens políticos em si’; e realmente a história não conhece nenhum outro exemplo de um desencadeamento tão medonho do impulso político, de um sacrifício tão incondicional de todos os outros interesses a serviço deste instinto de estado – (...)” (NIETZSCHE, 1996, p.53). O ‘político em si’ certamente se refere ao modo como os gregos foram capazes de reunir, dar unidade, constituir um Estado, em sentido artístico, a partir dos vários elementos dispersos e contraditórios de sua cultura. É desse modo que vida, arte, história, civilização, política, estado, por exemplo, compõem alguns dos elementos característicos dessa ‘unidade’. No mesmo sentido, a vinculação de Nietzsche ao projeto wagneriano da Obra de arte total pode sugerir que a ‘unidade’ reclamada por ele tenha na arte o seu elemento privilegiado.

⁴ Sobre o projeto de reforma iniciado por Humboldt, cf., entre outros, BRITTO, 2011.



submetidos os processos de formação. Nesse caso, o fracasso do projeto perpetrado pelos reformistas expressa a outra tendência destacada por Nietzsche nas preleções, “a tendência à *redução*, ao *enfraquecimento* da própria cultura” (idem, p.72) na medida em que se “exige que a cultura abandone as suas mais ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo” (idem, p.72). Em contraposição a essas duas tendências, Nietzsche defende um projeto de formação cultural (*Bildung*) cuja direção só pode ser dada pela arte em seu sentido mais promissor de renovação do “espírito” de um povo. Pensando a formação como instância necessária a uma cultura elevada, ele toma para si dois exemplos claros a partir dos quais se pode articular, nesse momento, formação e cultivo, ou a formação mesma como cultivo e seleção: Schopenhauer como modelo de educador; e Wagner como modelo de gênio. É certo que o conceito-chave para a questão aqui proposta, *Züchtung*, não faz parte do vocabulário das *Extemporâneas*; nem tampouco que Nietzsche é o único a tomar o problema da formação e da cultura como tarefa. Esse debate sobre a cultura, recheado de versões sobre a *Bildung*, está na ordem do dia do século XIX e Nietzsche, digamos, lança as pretensões de Humboldt e de toda a tradição dessa noção para um novo destino e impõe a ela novas exigências.

No conjunto, as quatro *Considerações Extemporâneas* podem nos servir como a primeira aposta de Nietzsche que sinaliza o tom propositivo de sua filosofia em direção a uma cultura superior. É certo que *O nascimento da tragédia* traz já um tom afirmativo, também decisivo em relação ao que posteriormente se consumou como pensamento da afirmação incondicional de todo acontecimento, mas a obra se restringe a um aspecto da cultura, a arte. As *Considerações* avançam em várias direções, para além do que está posto em questão em *O nascimento da tragédia*, pois faz um diagnóstico da vida cotidiana considerando aspectos fundamentais daquilo que se celebrava como “cultura superior”, mas que na verdade não passava de um reforçamento de estruturas formativas já fracassadas.

A intuição de Nietzsche nesse momento o levava a crer que dificilmente se poderia concretizar um projeto de cultura superior radicado nas expectativas de que o gênio artístico pudesse levar adiante tal projeto, em virtude de que justamente a figura do gênio estava comprometida pelo modo como a arte e a educação se reduziam a um papel menor de entretenimento e instrução. Como extrair desse ambiente institucionalizado de formação uma cultura superior? Como avançar em direção a um futuro mais promissor em relação à modernidade, se inclusive a arte vai aos poucos sendo cooptada para fins

meramente “técnicos”? Essa intervenção de Nietzsche em defesa de uma cultura superior ou elevada torna manifesta sua expectativa positiva em relação às transformações pelas quais precisam passar os estabelecimentos de ensino, bem como as instituições em geral, no sentido de deslocar as coordenadas culturais da educação, reféns que se tornaram de uma atividade imediatista, para um processo lento de formação e cultivo. Nietzsche insiste, no desenrolar de sua obra, na necessidade de pensar um ambiente favorável ao surgimento do gênio. Disso depende, em última instância, o porvir de uma cultura superior.

É nesse ambiente, nessa atmosfera, para falar como o próprio Nietzsche em algumas passagens, nessa *Stimmung* cultural dominado pelos “bufões da cultura” (NIETZSCHE, 2000a, p.135 [HHI, § 194])⁵, que se dariam as condições próprias para o cultivo dos grandes homens. O sentido de uma historicidade plena se revela nesse propósito de Nietzsche em pensar a superação das condições da cultura no interior dessas mesmas condições. Não se trata de uma meta-história, mas de uma história acontecimental que se supera no gesto irredutível do fluxo do devir. No limite, é justamente esse o sentido da história em Nietzsche, uma *Stimmung*⁶ singular, extemporânea, como plano de consistência a partir do qual é possível mobilizar as condições necessárias para uma rearticulação do horizonte histórico da modernidade, asfixiado pelo excesso de saber, o que abriria espaço para novos arranjos em torno de uma cultura elevada e superior.

Em *Humano, demasiado Humano* a expressão “cultura superior” (*höhere Kultur*) aparece com bastante frequência, quase sempre se contrapondo a uma cultura inferior. A partir daí, com bastante frequência, um novo operador teórico, a noção de cultivo (*Züchtung*), em substituição a *Erziehung*, ocupa a cena dessa preocupação do filósofo e pode perfeitamente se articular à sua exigência, cada vez mais constante, em pensar uma cultura elevada ou superior. Com a introdução dessa noção de cultivo Nietzsche aprofunda e radicaliza suas expectativas de superação da cultura, pois, por meio dela, articula o porvir dos homens de exceção. Essa relação entre uma cultura superior e o grande homem, exposta nos textos de juventude, se intensificará nos textos de 1888, de

⁵ Além da citação autor/data, optamos por indicar entre colchetes a forma convencional para citação das obras de Nietzsche.

⁶ O termo é recorrente na obra de Nietzsche. Apesar dos vários usos que se pode fazer do conceito, como sentimento, disposição de ânimo, clima, atmosfera, dentre outros, nosso uso aqui se refere, duplamente, à atmosfera cultural da modernidade caracterizada por Nietzsche como decadente e sem futuro; e à possibilidade, reclamada por ele, de uma nova atmosfera de pensamento sobre as condições da cultura, uma nova *Stimmung*, portanto, como ambiente propício à elevação da cultura na promoção do gênio artístico. Sobre o tema da *Stimmung*, em outra chave de interpretação mas com certa afinidade com nossa indicação aqui, cf., por exemplo, RANGEL, 2016.

modo especial em *Crepúsculo dos Idolos*, onde Nietzsche fornece seu conceito de gênio relacionando-o à cultura, mas desta vez como aquele indivíduo de exceção (*Ausnahme-Mensch*) em meio a uma atmosfera planificada que surge de um trabalho constante do cultivo de suas próprias virtudes. Ou seja, nesse momento o filósofo parece conceder pouca importância ao “ambiente”, à “época”, ao “espírito da época”, à “opinião pública” na formação dos grandes homens, esse “material explosivo, no interior do qual uma força imensa é acumulada” (NIETZSCHE, 2000b, p.100 [CI Incursões de um extemporâneo, § 44]). Energia acumulada é expressão de uma tensão encarnada num indivíduo, o que o torna um “indivíduo de exceção” justamente por acumular essa tensão, acúmulo proveniente das forças históricas outrora soterradas pelo instinto de conservação e que encontra, vez por outra, brechas por onde vazar (explodir). E talvez aqui se possa reconduzir a *Stimmung* cultural sinalizada no diagnóstico das *Extemporâneas*, restrita à época ou à história, para o próprio indivíduo de exceção, esse “material explosivo” tratado em *Crepúsculo dos ídolos*. Esse tipo, por acumular em si mesmo as condições históricas de uma determinada época, considerando o “patrimônio cultural acumulado” (GIACÓIA JÚNIOR, 2008, p.233) que carrega sobre os ombros, seria, ele mesmo em sua individualidade como presença histórica de uma época determinada, em sua disposição afetiva fundamental – o *amor fati?* - , uma atmosfera capaz de concentrar a tensão das forças históricas sobre seus nervos e devolvê-la em forma de potência à cultura. Nos termos de *A Gaia Ciência...*

De fato, esta é uma das cores desse novo sentimento: quem é capaz de sentir o conjunto da história humana com *sua própria história* sente, numa colossal generalização, toda a mágoa do doente que pensa na saúde, do ancião que lembra o sonho da juventude, do amante a quem roubaram a amada, do mártir cujo ideal foi destruído, do herói após a batalha que nada decidiu e lhe causou ferimentos e a morte do amigo -; mas carregar, poder carregar essa enorme soma de mágoas de toda espécie e ainda ser o herói que, no romper do segundo dia de batalha, saúda a aurora e a sua fortuna, como o ser que tem um horizonte de milênios à sua frente e atrás de si, como o herdeiro de toda a nobreza do espírito passado, herdeiro com obrigações, o mais aristocrático de todos os velhos nobres e também o primogênito de uma nova aristocracia, cujos pares ainda nenhuma época viu ou sonhou: tudo isso acolher em sua alma, as coisas mais antigas e mais novas, perdas, esperanças, conquistas, vitórias da humanidade: tudo isso, afinal, ter numa só alma e reunir num só sentimento: (...) Esse divino sentimento se chamaria então – humanidade! (NIETZSCHE, 2002, p. 225-6 [GC, § 337]).

Aqui pode estar uma pista importante daquilo que Nietzsche chama de *extemporaneidade*, inclusive se autorreferindo como um pensador extemporâneo. Ou seja, tomar um homem de exceção como acontecimento histórico a partir do qual é

possível engravidar a história de um futuro promissor, torná-la potência criativa, requer um compromisso com a ação histórica em sentido trágico e em vistas de uma abertura ao novo, uma nova história e uma nova cultura rearticuladas em proveito de uma contínua superação do homem. É nesse sentido que se estabelece a tensão própria de um tipo de exceção na medida em que ele representa, ou encarna, a tensão própria de uma época, mas com a capacidade de “sentir o conjunto da história humana como sua própria história”. A dificuldade, para retomar *Crepúsculo dos Ídolos*, está nesse movimento de concentrar a tensão das forças em jogo no âmbito da cultura, sem desperdiçá-las, e abrir um horizonte histórico que acolha novas perspectivas interpretativas e reinaugure incessantemente, como abertura ao futuro, novas coordenadas para uma cultura superior. *Incursões de um Extemporâneo* dá uma pista dessa dificuldade na medida em que descreve, como “Crítica da Modernidade”, o estado atual das instituições da cultura atravessado pela “forma declinante do estado”, pelo “deplorável nervosismo europeu”, pela “*décadence* os instintos valorativos de nossos políticos, de nossos partidos políticos”. (NIETZSCHE, 2000b, pp.96-7 [CI, *Incursões de um Extemporâneo*, §39]).

Assim, tendo alcançado de forma breve essa ligação das *Extemporâneas* com um dos últimos livros escritos por Nietzsche, ambos versando sobre a necessidade de afirmação de um tipo de exceção capaz de oferecer elementos mais interessantes para uma cultura superior, precisamos situar aqui alguns aspectos daquilo que constitui a noção de cultivo em Nietzsche com o intuito de lograr bons êxitos na questão proposta. Afinal de contas, essa noção, a nosso ver, é o operador-chave na articulação que Nietzsche pretende fazer entre presente e futuro, conservação e superação, *décadence* e *amor fati*.

O termo “Cultivo” (*Züchtung*) é uma constante nos fragmentos póstumos se referindo aos diversos sentidos recobertos pelo seu campo semântico. Uma constelação de fragmentos póstumos atesta o uso recorrente que Nietzsche faz do termo, além das ocorrências pontuais nas obras publicadas, tais como *Além de Bem e Mal* (§§ 203 e 262) e *Crepúsculo dos Ídolos* (Os melhoradores da humanidade, § 2 e *Incursões de um Extemporâneo*, §§ 3 e 5). Em *EcceHomo* aparece no § 4 sobre O nascimento da tragédia no sentido de *Höherzüchtung* [cultivo superior da humanidade] e em outras seções, de modo bastante sugestivo, correlacionado a termos próximos tais como: i) *Selbstigkeit*[cuidado de si], *Selbstlosigkeit*[ausência de si]; *Selbsterhaltung*[autopreservação], *Selbstsucht*[egoísmo], *Selbstzucht* [autodisciplina] (Por que sou tão sábio, §§ 2 e 9 e *Extemporâneas*, § 1); ii) *Erziehung* [educação/formação], *Selbst-Zucht* [cultivo ou criação de si], *Selbst-Vertheidigung*



[defesa de si] (Extemporâneas, § 3); *Selbstzucht* [autodisciplina] (Humano, demasiado Humano, § 5); *Zucht* (cultivo ou disciplina), *Selbstsucht* [egoísmo], *Selbstlosigkeit* [altruísmo](Por que sou um destino, § 7).

Os trabalhos já realizados por Wilson Frezatti, especialmente *Nietzsche contra Darwin* (2014) e *A fisiologia de Nietzsche*(2006); além de sua tradução de alguns fragmentos de Nietzsche sobre Darwin (2010), dão conta justamente de certa dificuldade na tradução simplificada do termo *Züchtung* na medida em que pode se aplicar a vários domínios. Segundo ele, “A tradução da palavra *Züchtung* é algo problemático devido aos sentidos que podem lhe ser atribuídos. O sentido comum de *Züchtung* é criação ou cultura (nos sentidos biológico – cultura de células –, agrário e botânico – cultura de milho). *Zucht* significa, comumente, criação, cultura (no sentido botânico), raça ou disciplina. *Züchten* significa criar ou cultivar (nos sentidos biológico e botânico)” (2010, p. 416). De todo modo, malgrado dificuldades semânticas e variações no uso do termo, sua interpretação destaca também o sentido que orienta nosso trabalho e do qual pretendemos obter algo proveitoso ao final, isto é, *Züchtung* no sentido de formação, disciplina e cultivo.

Nas *Considerações Extemporâneas* o termo “cultivo” não aparece, ficando a noção de *Erziehung* ou Educação como espaço em que devem circular as sementes de uma cultura superior. Podemos até arriscar que a noção de cultivo é a que substituirá, a partir de *Humano, demasiado humano*, a perspectiva da formação descrita nas *Extemporâneas*. A introdução dessa ideia de cultivo no horizonte do pensamento sobre a cultura se ajusta perfeitamente ao propósito de Nietzsche de reforçar sua crítica àquilo que corria à solta nos bastidores das reformas educacionais na Alemanha, projeto encabeçado por Humboldt. Nietzsche entendia os desdobramentos desse projeto como a massificação da cultura por meio de uma educação não menos massificada, impacto desastroso que o seu conceito de cultivo reduzia substancialmente por traçar uma nova meta da cultura, os grandes homens. Essa articulação encontra eco na interpretação de Patrick Wotling (2008) quando entende que no domínio do cultivo está uma chave de leitura importante para compreender o pensamento de Nietzsche sobre a cultura. Para ele,

Está aí o problema daquilo que Nietzsche chama num primeiro momento *Erziehung*, para em seguida substituir definitivamente este termo pelo de *Züchtung*: é essencial observar que os termos *züchten*, *anzüchten*, *heranzüchten*, *Züchtung* ou *Zucht* figuram entre os mais empregados do lexico de Nietzsche. Poucos comentadores deram atenção à importância desta problemática da *Züchtung* em Nietzsche, portanto determinante” (p. 36).

No horizonte dessa noção, portanto, a leitura feita por Patrick Wotling nos ajuda na medida em que entende que o uso feito por Nietzsche da noção de cultivo se dá no registro da “*élévation de la culture*” (p. 2)⁷. De acordo com o intérprete, uma das maiores dificuldades, já antecipadas nas *Considerações Extemporâneas*, é “a possibilidade de agir sobre os instintos e definir as modalidades dessa ação”. Essa indicação de Wotling é importante, pois alimenta nossa argumentação acerca do cultivo em dois planos distintos, às vezes complementares, às vezes independentes em virtude de alguns fracassos experimentados por Nietzsche. O pano de fundo é o mesmo em ambos os domínios, como mostraremos na sequência. Trata-se da possibilidade de agir sobre os instintos desenfreados da cultura (conhecimento, autoconservação, progresso, compaixão) e mobilizar perspectivas de vida mais afirmativas. Para cumprir esse programa de uma nova cultura, seria necessário investir esforços na produção do gênio, única figura capaz de levar uma cultura a se destacar como cultura superior.

Uma primeira pista mais concreta desse indivíduo de exceção em meio a uma cultura decadente é anotada por Nietzsche em sua terceira *Consideração Extemporânea*, “Schopenhauer como Educador”. Diz ele:

Mas onde encontramos esta totalidade harmônica, este acordo de várias vozes no sei de uma mesma natureza, onde admiramos mais a harmonia, senão exatamente nos homens semelhantes a Cellini, nos quais tudo, o conhecimento, o desejo, o amor, o ódio, procede de um mesmo centro, visa uma mesma raiz, e nos quais justamente a preponderância imperiosa e soberana deste centro vivo produz um sistema harmonioso de movimentos que alternam horizontal e verticalmente? (2012, p. 167 [Co. Ext. III, § 2]).

O gênio, no registro das *Extemporâneas*, só poderia se efetivar à custa de um grande esforço de formação perpetrado pela cultura, isto é, seu aparecimento como sinal de promessa de uma cultura trágica é dependente de um trabalho fecundo de formação a ser propiciado pelos instrumentos da cultura. Uma cultura superior seria, então, o fruto maduro de um processo levado a cabo pelo gênio no interesse da própria cultura. O aparecimento do gênio seria, ele mesmo, a demonstração mais feliz de uma cultura

⁷ Em *Nietzsche e o Problema da Civilização*, Wotling retoma essa análise da *Züchtung* de forma mais detalhada. Relacionando a elevação da cultura com o tema da crueldade, ele entende que “por meio da noção de *Züchtung*, que representa verdadeiramente o conceito central do segundo momento do *Versuch*, Nietzsche delimita as relações entre crueldade e a cultura. A *Züchtung* designa uma técnica de seleção que visa a conservar, até mesmo desenvolver certas características de uma espécie em detrimento de outras, que são eliminadas” (2013, p.264).

elevada. Assim, de acordo com essa expectativa de Nietzsche, a cultura deveria preparar as condições para o surgimento do grande homem, o gênio, o homem de exceção.

Entre as *Extemporâneas* e os últimos escritos de Nietzsche, em especial *Crepúsculo dos Ídolos* e *Ecce Homo*, algumas figuras aparecem em substituição ao gênio artístico pretendido desde *O Nascimento da tragédia* ou flertando com ele. De todo modo, esses últimos textos apresentam elementos bastante significativos em relação ao propósito de Nietzsche de superar, segundo os termos de *O Anticristo*, “o homem de hoje, o homem do qual sou fatalmente contemporâneo” (NIETZSCHE, 2007, p. 114 [AC, §38]). Trata-se de uma virada importante na consideração de Nietzsche acerca da superação da *décadence*. Ele parece, de fato, ter invertido sua estratégia ao mudar o plano das condições do cultivo para o âmbito do indivíduo. O surgimento do gênio, então, dos homens-de-exceção, não se daria mais a partir de condições preparadas pela cultura – ele presente ter fracassado nessa expectativa -, mas a cultura superior só seria possível a partir dos homens-de-exceção. A dificuldade flagrante aqui é mostrar de forma convincente em que medida, com que elementos e sob que condições um indivíduo seria capaz de produzir a si mesmo como um caso de exceção, produzir sua própria vida como uma vida extraordinária de tal modo que se colocasse em destaque com relação a todo o “resto” de uma cultura de homens de rebanho. Mas é justamente esta a tarefa a que Nietzsche se propõe como maneira mais radical de pensar uma cultura superior. Não mais a partir de um vetor histórico-universal ou de grandes transformações, mas de casos excepcionais, de indivíduos e não de coletividades. Assim, temos indícios muitos satisfatórios até aqui no que diz respeito à mudança de perspectiva adotada por Nietzsche na sua busca incessante de condições favoráveis ao cultivo de um tipo superior. A opção agora pela precedência do *indivíduo* em relação à *coletividade*, pelos casos de exceção em relação aos homens em geral, sinaliza algo importante. Esse termo “indivíduo”, frequentemente usado por Nietzsche para se contrapor à ideia de “coletividade” ou dos valores relativos à moral de rebanho, pode ser destacado como operador importante na sua filosofia e indica algo proveitoso em favor da nossa questão. De fato, se há uma prerrogativa do indivíduo no encaminhamento dos valores nobres, ela é entendida por Nietzsche não no sentido da ideia moderna segundo a qual o indivíduo resguardaria em si alguma identidade ou substrato, mas no sentido de um *pathos* de diferenciação. Talvez a passagem mais esclarecedora seja um aforismo de *Humano, demasiado Humano* intitulado “A moral como autodivisão do homem” no qual Nietzsche afirma, no final do aforismo, que “Na moral o homem não trata a si mesmo como *individuum*, mas como

dividuum” (Nietzsche, 2000, p.59 [HHI, § 57]). Ainda em *Humano...*, no aforismo 95, “Moral do indivíduo maduro”, Nietzsche dá pistas do que mais tarde será desenvolvido de modo mais fecundo como moral superior. Em *Além de Bem e Mal*, § 262, vê o indivíduo como “o ponto inquietante e perigoso em que a vida maior, mais múltipla e mais abrangente *vivealém* da velha moral”. E *Para a Genealogia da Moral* dá o retoque final dessa nova aposta, no § 2 da segunda dissertação, quando lança muito rapidamente a noção de um “indivíduo soberano” como “fruto mais maduro” do processo da moralidade do costume.

Se visitarmos com cuidado os textos que comportam a chamada terceira fase, veremos um esforço insistente de Nietzsche por indicar algumas “virtudes” necessárias ao fortalecimento do indivíduo no interesse do cultivo de si. Essa posição de Nietzsche nos últimos escritos, que considero decisiva para pensar os indivíduos de exceção e sua importância no interesse de uma cultura superior, parece se articular com precisão ao texto das *Extemporâneas* quando reconstrói algumas imagens do filósofo e do gênio para assegurar uma conquista determinante de suas expectativas em torno de um pensamento afirmativo.

Um dos aspectos centrais que podemos acentuar acerca disso é o caráter produtivo de determinadas virtudes, as virtudes nobres, no projeto nietzschiano de elevação do homem. Dentre as virtudes mais expressivas a serem cultivadas no sentido da autoelevação e que são tematizadas com frequência nos textos de Nietzsche podemos destacar, por exemplo: a solidão, “enquanto sublime pendor e ímpeto para o asseio, que percebe que no contato com as pessoas – em ‘sociedade’ – as coisas se dão inevitavelmente sujas” (NIETZSCHE, 1997, p.191 [BM, § 284]). A terceira *Consideração Extemporânea* testemunha o primeiro grande perigo “à sombra do qual Schopenhauer cresceu: o isolamento”, e isso parece vibrar na última produção intelectual de Nietzsche como uma necessidade para os filósofos do futuro. O egoísmo, na medida em que ele representa a linha de ascensão do indivíduo e indica um “*optimum* de condições” da vida (NIETZSCHE, 2000b, p.87 [CI, *Incursões de um extemporâneo*, § 33]), constitui um modo sofisticado de autoconstituição e cultivo de si. Não se trata mesmo do cultivo de um “ego” celebrado pelos adoradores do “eu”, senão do cultivo do “si mesmo”, da individualidade como lugar de tensão das forças que aí se acumulam e que precisam encontrar seu centro de gravidade a bem do uso comedido das próprias forças, sem desperdício do “material explosivo” acumulado. Em outra frente, Nietzsche destaca a formação (*Bildung*) com vistas a uma “Educação superior” cujo elemento

essencial é “Aprender a *pensar*”, ter “dedos para *nuances*” (NIETZSCHE, 2000b, p.64 [CI O que falta aos alemães, § 7]). Mas aqui alguns problemas se impõem desde as *Extemporâneas*. Um deles, talvez o mais essencial, diz respeito ao trabalho que o educador filósofo devia impor a si mesmo. Segundo a letra da terceira *Extemporânea*, “não somente descobrir a força central, mas também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças; eu imaginava”, diz Nietzsche, “que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, em descobrir a lei da sua mecânica superior” (2012, pp. 167-8 [Co. Ext. III, § 2]). Na esteira dessa “imaginação” de Nietzsche, ou dessa imagem que ele faz do filósofo educador, podemos citar sua formulação do conceito de gênio para o *Crepúsculo dos Ídolos* em que reúne um vocabulário econômico [da economia] para descrever os grandes homens. Segundo ele, “O gênio - em obra, em ato - é necessariamente um esbanjador: no fato de ele *gastar tudo* está sua grandeza... O instinto de autoconservação é como que suspenso; a violenta pressão das forças que fluem não lhe permite nenhum cuidado ou prudência” (NIETZSCHE, 2000b, 102 [CI Incursões de um Extemporâneo, §44]). Ou seja, permanece aqui, malgrado todos os elementos constitutivos de um pleno cultivo de si, o problema da autodisciplina e do desperdício de força. Por fim, duas últimas indicações de Nietzsche. A primeira, a paciência no agir, isto é, “adiar o julgamento, aprender a rodear e cingir o caso individual de todos os lados” para alcançar a “primeira preparação para a espiritualidade: não reagir de imediato a um estímulo” (NIETZSCHE, 2000b, p.63 [CI O falta aos alemães, § 6]). Simplesmente “Porque nos consumiríamos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais, essa é a lógica” (NIETZSCHE, 1995, p.30 [EH Por que sou tão sábio, § 6]), diz Nietzsche no *Ecce Homo*, pelo simples fato de agora não se trata mais de reagir a um estímulo do meio, ou da cultura, mas explodir a tensão acumulada correndo o risco de se dissipar na explosão. A segunda indicação, a honestidade (*Redlichkeit*). E com ela Nietzsche parece recuperar uma exigência que era da terceira *Extemporânea*, a da honestidade intelectual de Schopenhauer que tanto o cativou, – mas também, e com maior força, uma exigência da quarta *Extemporânea*⁸ – na qual destaca “a audácia e a honestidade” do artista cujo “mais poderoso exemplo que temos diante de nós, o de Richard Wagner, mostra que ao

⁸ “Wagner colocou a vida presente e o passado sob o raio de luz de um conhecimento forte o bastante para permitir abarcar com o olhar uma extensão pouco comum: por isso ele é um simplificador do mundo; pois essa simplificação sempre consiste em que o olhar de que conhece se torna sempre de novo senhor da prodigiosa multiplicidade e desordem de um aparente caos, condensando em unidade o que antes estava disperso e inassimilável” (NIETZSCHE, 2009, p.68 [Co. Ext. IV, § 5]).

gênio lhe é permitido não temer entrar na mais hostil das contradições com as formas e os regulamentos existentes, caso ele queira manifestar claramente a verdade e a ordem superior que carrega no seu interior” (NIETZSCHE, 2012, pp.177 [Co. Ext. III, § 3]). Em *Além de Bem e Mal*, o tema da honestidade será levado às últimas consequências por Nietzsche na medida em que o exercício da probidade intelectual fornece resultados importantes na promoção dos espíritos livres e dos filósofos do futuro. Assim, em relação à honestidade como derradeira virtude, diz Nietzsche, “supondo que esta seja a nossa virtude, da qual não podemos escapar, nós, espíritos livres – bem, então vamos esmerá-la com toda a malícia e amor, e não cansar de nos ‘perfeccionarmos’ em *nossa* virtude, a única que nos resta” (NIETZSCHE, 1997, p.132 [BM, § 227]). Por fim, o que temos até aqui, de modo ainda ensaístico, são algumas linhas gerais dos vários enfrentamentos de Nietzsche com a cultura, contra a cultura e para além dela. No cumprimento dessa exigência radical e intransigente de superar uma educação voltada para a instrução jornalística e uma cultura empobrecida, porque sem futuro, os indivíduos de exceção (*Ausnahme-Menschen*) aparecem na obra de Nietzsche como figuras que podem, a partir do cultivo de determinadas “virtudes” nobres, abrir espaço para novas conquistas no domínio da subjetividade e tornar possível novos modos de vida para além da agitação moderna do último homem. No entanto, quem é hoje forte o bastante, ou corajoso o suficiente para cultivar de dentro de si virtudes completamente extemporâneas? A aposta de Nietzsche... Os indivíduos de exceção!

Referências Bibliográficas

BRITTO, Fabiano de Lemos. “A máquina da cultura: pedagogia e política entre Wilhelm von Humboldt e Nietzsche”. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 302-310, set./dez. 2011.

FREZATTI JÚNIOR, Wilson A. *Nietzsche contra Darwin*. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014 (Coleção Sendas & Veredas).

_____. *A Fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

_____. “Os fragmentos póstumos sobre Darwin”. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 403-419, jul./dez. 2010.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo, “Moralidade e Memória: Dramas do Destino da Alma. In: PASCHOAL, Antonio E.; FREZZATI JR., Wilson A. (orgs.), *120 anos de Para a Genealogia da Moral*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2008; p. 232.

NIETZSCHE, F. “Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino”; “III Consideração Intempestiva: Schopenhauer como Educador”. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. In: *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

_____. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 a.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O Anticristo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Wagner em Bayreuth* – Quarta consideração extemporânea. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Cinco Prefácios* para cinco livros não escritos. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

RANGEL, Marcelo de Mello. “História e *Stimmung* a partir de Walter Benjamin: sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia”. *Cadernos Walter Benjamin*, n.17, julho a dezembro de 2016, pp.165-178.

WOTLING, Patrick. “La culture comme problème: la redetermination nietzschéenne du questionnement philosophique”. In: *Nietzsche-Studien*, n. 37 (2008), pp. 1-50.

_____. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.